



**O diálogo entre o romance *Os Sertões* de Euclides da Cunha e a imagem
fotográfica de Maureen Bisilliat: um estudo entre a terra e o homem, a luz e as
trevas.**

Fernanda da Cunha Correia; Alexandre Huady Torres Guimarães (orientador)

Universidade Presbiteriana Mackenzie – Centro de Comunicação e Letras

Resumo

Em sua viagem como repórter d'*O Estado de S. Paulo*, Euclides da Cunha passa a ter um olhar conflitante com a visão com a qual partiu e levou ao interior da Bahia para narrar a história de Canudos, cuja reunião viria a ser o marco do pré-modernismo e sua maior obra, para os críticos. Oitenta anos depois, o livro *Sertões: luz e trevas* busca mostrar as antíteses existentes no sertão nordestino, trabalhando sobre recortes textuais do texto euclidiano, feitos pela fotógrafa Maureen Bisilliat, assim como a diagramação e a autoria das fotografias. O presente trabalho busca analisar as duas obras para que se possa encontrar o diálogo existente entre o texto literário e o texto imagético, presente claramente no tema abordado.

Palavras-chave: Sertões; literatura; fotografia

1. Introdução

A expressão visual, fruto da inteligência humana, pode significar muitas coisas em diversas situações e diferentes pessoas. É composta por extrema complexidade da qual temos uma compreensão muito rudimentar. A linguagem trata-se de um recurso comunicativo próprio do homem, que evoluiu da forma auditiva para a capacidade de ler e escrever. A câmera fotográfica acaba com a necessidade do artista em ser capaz de desenhar e reproduzir o ambiente tal como este lhe aparece.

A fotografia tornou-se o último elo entre a capacidade inata de ver e a capacidade extrínseca de relatar, interpretar e expressar o que vemos, sem necessitarmos de um talento especial ou de um longo aprendizado para que se possa efetuar o processo.

1. Trabalho apresentado na Intercom Junior.

2. Fernanda da Cunha Correia – graduanda do curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde participa de projeto de pesquisa de Jornalismo e Estudos da Mídia.

Alexandre Huady Torres Guimarães – doutorando em Letras pela USP, mestre em Comunicação e Letras pela UPM, professor PPI do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde é líder da disciplina de Fotografia, professor de Fotografia e Redação; membro do projeto de pesquisa de Jornalismo e Estudos da Mídia; do Grupo de Pesquisa NAU-Núcleo audiovisual e do Grupo de Pesquisa Linguagem, sociedade e identidade: estudos sobre a mídia.

3. Este trabalho está inserido no projeto PIBIC da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

“Em textos impressos, a palavra é o elemento fundamental, enquanto os fatores visuais, como o cenário físico, o formato e a ilustração, são secundários ou necessários apenas como apoio” (DONDIS, 2000 p. 12) Atualmente, nos meios de comunicação, é possível observar o contrário: o visual predomina. O ver tornou-se mais do que simplesmente observar ou vivenciar, tornou-se interpretar, compreender. Tanto a palavra quanto o processo da visão passaram a ter implicações muito mais amplas.

A fotografia profissionalizou-se e tornou-se imprescindível no relato jornalístico, cobrindo acontecimentos de maneira simples e direta. Os avanços técnicos dos anos de 1930 possibilitaram o registro histórico em fotografias, visto que os papéis se tornaram de melhor qualidade e as câmeras de pequeno porte e as lentes de alta velocidade, libertando o fotógrafo do peso do equipamento anterior. A falta de iluminação também foi suprimida com a invenção do flash.

Nesta forma de expressão interatuam o tom e a cor, participando também a forma, a textura e a escala. A lente tornou-se um simulacro do olho humano, já que os elementos visuais essenciais da foto reproduzem o ambiente, e tantas outras coisas, com enorme poder de persuasão. Porém uma interpretação da imagem sempre se faz necessária, já que centenas de fotógrafos com suas lentes voltadas para uma cena obterão centenas de imagens diferentes. Ela também possui uma característica que não compartilha com nenhuma outra arte visual: a credibilidade, que, apesar de ser uma crença questionável, dá ao fotógrafo e ao seu trabalho um enorme poder de influenciar.

Trabalhando duas obras separadas pelo tempo, mas ligadas pela temática, *Os Sertões* e *Sertões: luz e trevas*, procura-se identificar a forma como cada autor trabalhou as antíteses de seus textos. A primeira, obra de Euclides da Cunha, reúne os textos jornalísticos publicados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, quando o autor foi correspondente de guerra do periódico. A outra, obra imagética com recortes do texto de Euclides da Cunha, da fotógrafa Maureen Bisilliat. Tratando-se de expressos diferentes, buscou-se encontrar o olhar de cada um sobre o tema e a aproximação existente entre eles. Caracterizando-se as obras, relacionou-se texto e imagem em busca do diálogo entre as expressões.

2. Contexto histórico

Desde a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, o Brasil se encontrava em perfeita ebulição. Acontecimentos se sucediam uns aos outros. A Questão Militar, que defendia a participação dos oficiais nas questões políticas e sociais do país desde 1883, terminou com o golpe republicano de 15 de novembro de 1889.

A queda da monarquia acabou gerando reações anti-republicanas. A nova constituição, de 1891, tornou o Brasil uma república federativa e presidencialista no modelo norte-americano, ampliando o direito de voto e separando o Estado da Igreja, o que acabaria por gerar a indignação de Antônio Conselheiro. O Encilhamento, política econômica de Rui Barbosa que acabou por falhar, agravou ainda mais a crise política e as dificuldades de implantar a República.

Em fevereiro de 1893, estourou no Rio Grande do Sul a Revolução Federalista, conduzindo o estado a uma guerra civil. Neste mesmo ano ocorreu o segundo levante da Armada e teve seus comandantes revoltosos reunidos aos rio grandenses rebelados. A guerra no sul teve fim com a derrota de uma incursão na fronteira com o Uruguai, em 1895 e a assinatura da pacificação em agosto do mesmo ano.

Nesse pano de fundo violento, marcado por transformações inesperadas e radicais, foi que começou a chegar às grandes cidades notícias sobre a derrota de 100 soldados no interior da Bahia, em novembro de 1896. Era o início da Guerra de Canudos.

Já não se tratava mais de um incidente como outros no interior do país, que uma diligência policial poderia resolver, subia à categoria de insurreição religiosa e política. As derrotas das autoridades locais ultrapassavam os limites das secretarias e era discutida na imprensa e nas ruas como uma vergonha nacional. Essas notícias de que as tropas regulares haviam sido desbaratadas pelos sertanejos de Canudos acabaram por fazer com que as autoridades e mesmo a população dos grandes centros urbanos vissem ali uma tentativa de rebelião monarquista. A população não arredava da porta dos jornais, onde liam que o exército havia sido derrotado realmente e não se tratava apenas de absurdos que se espalhavam. Os defensores do governo aproveitaram-se de que Antonio Conselheiro pregava contra a República e deram força à teoria de que fosse realmente um levante monarquista, ignorando o conteúdo religioso, já que Conselheiro estava estimulando os sertanejos a não pagar tributos e até espantar os funcionários que representavam a justiça e o casamento civil.

Assim como em outros movimentos religiosos, os crentes se tornaram arredios e agressivos com os outros, e seu fanatismo militante fez com que se indisputassem com o resto da sociedade. As tentativas de apaziguamento fracassavam, resistiam a qualquer investida. A presença de autoridades fez, aliás, com que os sertanejos se aglutinassem com maior fervor em torno e em defesa do profeta, que lhes assegurava a salvação caso morressem na defesa de Nova Jerusalém.

Os boatos aumentaram. A gente de Canudos não era mais um agrupamento de fanáticos, tornara-se um bem equipado exército de monarquistas sob o comando de altas patentes que tinham conseguido escapar da revolta da esquadra e da campanha federalista. A família imperial estaria em íntima ligação com os insurretos, remetendo da Europa armas aperfeiçoadas e oficiais treinados. Na imprensa, monarquistas e republicanos degladiaram-se. A *República*, *Gazeta de Notícias* e *País*, publicações republicanas, reafirmavam esses boatos e publicaram sátiras às notícias vindas de Canudos, dizendo não haver um Conselheiro como descreviam, mas um disfarce do Visconde de Ouro Preto. Sylvio Rabello, em seu livro *Euclides da Cunha*, transcreve uma dessas sátiras de 1897:

Na *República* de 11 de fevereiro, Guimarães Passos escreveu *Uma entrevista* – sátira de grande repercussão nos meios republicanos. O jornalista imaginava uma viagem a Canudos, reduto onde Conselheiro chefiava o movimento restaurador. ‘O homem acompanhou-me à tenda ampla e limpa. Prostrou-se na porta, beijou o chão e disse calmo e grave: - Senhor, uma visita. O Conselheiro apareceu-me. Nem vestia a célebre túnica azul, nem calçava alpercatas grosseiras; não se arrimava a um cajado, nem tinha a longa barba de que tem falado a imprensa. Trajava sobrecasaca e chapéu alto, barba cortada em parte e, com sorriso amável, disse-me: - Desculpe não lhe prestar atenção: estou escrevendo o artigo de fundo para amanhã. A monarquia está aí. Passe bem. ’ As barbas do taumaturgo – dizia ainda a república de 19 de fevereiro – não enganavam a ninguém: eram um disfarce apenas das suíças do Visconde. O visconde era Ouro Preto, que encarnava, para os jacobinos, a reação monárquica do momento. (RABELLO, 1966. pp. 79-80)

A população culpa o governo, dito tolerante, de Prudente de Moraes por esse levante monárquico, o que acabou por ocasionar uma conspiração militar e republicana contra o atual governo.

2.1 Antonio Conselheiro

Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, nasceu a 13 de março de 1830 no estado do Ceará, na Vila do Campo Maior de Quixeramobim. A partir de finais da década de 1850, mudou constantemente de cidade e profissão. Tornou-se figura conhecida nos sertões nordestinos desde a década de 1870, quando passou a vagar sem rumo e reabraçou o cristianismo, auxiliando na construção e conserto de cemitérios e igrejas. Entre os caminhos iniciou uma série de pregações, conselhos e sermões. Mais adiante aprofundou seus conhecimentos bíblicos, desta forma, passou da posição de peregrino para ser nomeado pelo povo, primeiramente como beato e,

posteriormente como conselheiro. Crescem a esta época seu cabelo, sua barba e sua fama pelo interior nordestino, como inicia e cresce o número de seus seguidores fiéis.

Aos poucos os miseráveis, e, depois, gente mais abastada, passou a segui-lo e auxiliá-lo. Foi tornando-se confessor dessa gente devido à

sua aparência exemplar de penitente, notada por todos que o têm na maior consideração. Não alimenta afeições humanas incompatíveis com a sua vida de peregrino, mas é estimado por quantos lêem a sinceridade em todos os seus atos. Por tal forma a sua personalidade desperta a atenção geral que, confiantes, muitas pessoas lhe fazem confidências. Dele se aproximam para pedir-lhe conselho e as suas palavras servem de lenitivo. (NOGUEIRA, 1974, p.6)

Essa popularidade lhe custou a ira dos padres do interior, que não suportavam a concorrência. Com isso, decidiu-se, em 1893, isolar-se em Canudos, à margem do rio Vaza-barris. Rebatizou a localidade com o nome de Monte Santo e os romeiros passaram a se dirigir pra lá. Construiu uma sociedade na qual os princípios dogmáticos da religião seriam estritamente obedecidos. O local, porém, acabou tornando-se refúgio a marginais e bandidos.

Os coronéis se assustaram com a fuga de mão de obra e com o surgimento de uma outra liderança. Assim, aproximaram-se da Igreja, que via em Conselheiro um herético. Os habitantes de Canudos mantinham relações comerciais com um vilarejo vizinho, Uauá, de onde compraram material para a reforma do templo da cidade. Como a mercadoria não chegava por falta de transporte, Antonio Conselheiro mandou avisar que iria buscá-la com sua gente. A boataria então surgiu dizendo que o povo de Canudos iria para invadir e tomar o povoado. Era o pretexto que o governo necessitava e, assim, enviou uma força de cem praças para ir de encontro com os canudenses e impedir que invadissem a cidade.

A procissão se aproximou da cidade e fora recebida com tiros de sentinelas avançadas, que aguardavam a chegada do grupo. Nervosas, as tropas foram afoitas e imprudentes, atirando sem averiguação ou ordem. Os jagunços, que acompanhavam a gente de Conselheiro, derrotaram a força militar em novembro de 1896. Foram necessárias mais três expedições até que Canudos caísse. A segunda, com 543 praças e 14 oficiais e 3 médicos, de 25 de outubro de 1896 a 20 de janeiro de 1897, com a morte de mais de 400 jagunços e a retirada para Monte Santo. A terceira chegou a Queimadas com 1.300 homens em 8 de fevereiro e parte a 3 de março de 1897, após mais uma



derrota. A última, com quase cinco mil homens e artilharia, chegou em 16 de junho, dividida em duas frentes, uma de 1.933 homens e outra de 2.350. Chegaram reforços da Bahia, duas brigadas, e Canudos foi bombardeada. Em 22 de setembro, Antonio Conselheiro morreu e, dois dias depois, Canudos foi sitiada, tendo seu assalto final em 1º de outubro. A população lutou até o fim e 300 mulheres, velhos e crianças foram feitos prisioneiros. Os homens sobreviventes foram degolados e os que resistiram foram baionetados em uma luta corpo a corpo que se travou no centro do arraial no dia 5 de outubro de 1897. Os 5.200 casebres foram pulverizados a dinamite.

3. Euclides da Cunha

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, escritor brasileiro especialmente famoso pelo livro *Os Sertões*, possui uma obra pequena, realizada em apenas 21 anos de atividade literária. Liberal apaixonado, progressista, defensor de teses democráticas, foi extenso seu campo de interesses culturais englobando temas tão variados quanto a história do Brasil, a política internacional, a antropologia, a sociologia, a industrialização, as doutrinas morais e religiosas, o racismo, os problemas socioeconômicos, além de questões de engenharia, sua profissão.

Durante a infância estudou em diversos colégios, sendo que, no Colégio Aquino, Euclides da Cunha e seus colegas publicaram um pequeno jornal, o *Democrata*. Abolicionista e libertário, o jornal registrava o primeiro trecho da prosa de Euclides da Cunha, com dezoito anos. Tratava-se de um folhetim cheio de pessimismo, com horror à cidade e paixão pela natureza, que refletia a filosofia de Rousseau.

Em 1884, matriculou-se na Escola Politécnica, mas abandonou o curso de Engenharia por falta de dinheiro. Republicano ardente, em 1886, ingressou na Escola Militar (Praia Vermelha), gratuita, que lhe deu também o título de engenheiro. Em protesto contra a repressão às manifestações republicanas, Euclides da Cunha lançou aos pés do ministro da Guerra, Conselheiro Tomás Coelho, a sua espada de cadete, tendo sido desligado do Exército dois anos depois. Mudando-se para São Paulo, iniciou uma série de violentos artigos de propaganda para o jornal *A Província de São Paulo* (depois de 1889, *O Estado de S. Paulo*), escrevendo sob o pseudônimo do escritor francês, e um dos teóricos do Socialismo, Proudhon (1809-1865). Tratava-se de uma série de artigos com os títulos de *Questões Sociais* e *Atos e Palavras*, anunciados como de autoria de um estudante ainda pouco envolvido no grave incidente da Escola Militar do Rio de Janeiro, e apresentavam um tom dogmático que a idade justificava e que a exaltação dos círculos republicanos amplamente favorecia.

A linguagem de Euclides era ainda indecisa, num estilo que ele mesmo chamava ‘chapanudo e arrebitado’, mas já se notavam todos os sinais do escritor que mais tarde seria uma espécie de heresiarca contra todas as formas de sobrevivência do lusismo, ao francesismo – à tradição greco-latina da literatura nacional. (RABELLO, 1966, pp. 41-2).

Desvinculado da carreira militar, passou a viver como engenheiro civil junto à Superintendência de Obras públicas de São Paulo (1896). Fixou-se na fazenda do pai em Belém do Descalvado, ocupando-se de atividades agrícolas, mas isto não impediu de que as notícias sobre os sucessos de Canudos chegassem-lhe aos ouvidos, abalando seus nervos. Seu republicanismo o fez ver em Conselheiro e os seus uma ameaça às instituições do regime de 1889.

Em 1887, escreveu seu primeiro artigo n’*A Província de São Paulo*, intitulado *A Nova Vendéia*, no qual fez um paralelo entre os jagunços, que o governo brasileiro procurava vencer, e os monarquistas que a Revolução Francesa tentou esmagar. Para ele o maior vilão à vitória da República era o sertão sem vegetação, sem água potável e duramente castigada pelo sol, defesa natural dos revoltosos ali criados. Inquietou-se com os reveses experimentados pelas sucessivas expedições, e foi na última, a quarta, que lhe chegou o convite de Júlio de Mesquita: acompanhar a campanha para Canudos, na própria zona de operações. Era uma inovação nos métodos de jornalismo: a reportagem colhida ao vivo, aceita prontamente por Euclides da Cunha.

Assim, em quatro de agosto de 1897, rumou para a Bahia, de onde seguiu para o campo da luta. Passou vinte e quatro dias em Salvador, observando os movimentos das tropas que chegavam, os feridos e doentes, habituando seus nervos. Enquanto aguardava a partida para o sertão, observava as tropas derrotadas voltarem e não conseguia encontrar resposta para o que ocorria, não entendia como Canudos não havia ainda caído. Escutava informações e considerava a opinião generalizada, também sua, de que Canudos estavam reunidos inimigos das leis, das instituições e da nova política republicana. Essas observações que foram, aos poucos, modificando a sua visão, que futuramente concluiria *Os Sertões*, e já criticavam a forma com que o governo pretendia resolver um mal que não era oriundo da época e tampouco único.

Em São Paulo, formara-se com os patriotas e os jacobinos que queriam vencer já em Canudos os restauradores da monarquia; em Salvador, mudaria a sua opinião vendo já em Antonio Conselheiro e nos seus fiéis, elementos de uma sociedade retardatária e esquecida nos sertões; em Canudos, dias depois acabaria por tomar para consigo mesmo o compromisso de defender

os vencidos, vingando uma desgraça, cujos responsáveis eram os vencedores (RABELLO, 1966, p. 99).

A sua correspondência iria contrariar o que já havia escrito à direção do jornal e aos seus leitores.

No ano seguinte ao da publicação de *Os Sertões*, Euclides da Cunha foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Escreveu também *Peru Versus Bolívia* (1907) e *Contrastes e Confrontos* (1907), cujas páginas também resultaram de artigos anteriormente escritos para jornais.

“Os escritos de Euclides da Cunha nascem de uma postura política empenhada, a qual complementa a largueza do âmbito de interesses, marcas de fábrica da Escola Militar” (NOGUEIRA, 1974, p. 34) Os primeiros artigos escritos para a imprensa profissional são todos violentamente republicanos e fazem parte da propaganda antiimpério. Em 1890, passou a colaborar para o jornal carioca *Democracia*. Foi em São Carlos, durante um trabalho de engenharia, que ouviu falar de Canudos, cuja primeira versão era de que Antonio Conselheiro se servia do fanatismo religioso para tentar derrubar a república e instaurar a Monarquia, os republicanos se sentiram na necessidade de combater o movimento e é com este teor que Euclides vai publicar artigos n’*O Estado de S. Paulo*. Ao todo publicou vinte e três artigos sobre Canudos. Depois de *Os Sertões*, Euclides voltou a colaborar na imprensa e, por volta de 1900, colaborou para a revista *Kosmos*, com artigos de tratamento mais literário.

3.1 Os Sertões

Euclides da Cunha foi enviado em setembro de 1897 para cobrir a guerra pelo jornal “*Estado de S. Paulo*”, e acabou por torná-la um livro. Ainda em meio às suas impressões, decidiu publicar o livro para garantir que seu testemunho pessoal não se perderia nas colunas d’*O Estado de S. Paulo*. Na volta da guerra, retirou-se para a fazenda de seu pai, onde reconstruiu as notas que colheu da natureza e da gente dos sertões, dois episódios e flagrantes de guerra. Buscou ampliar seus conhecimentos, investigar e reunir o material necessário. Assim que começou a apurar seu material, teve base para escrever a terceira parte, mas não as outras. “As repetições freqüentes dos assuntos e até certa desordem de *Os Sertões* dão a entender que ele escrevera o livro, não capítulo após capítulo, mas de acordo com as possibilidades e as circunstâncias de cada momento.” (NOGUEIRA, 1966, p. 143)

Sua idéia era inserir o conflito no cenário dos grandes enfrentamentos históricos, uma luta titânica de raças, num combate entre o progresso e o atraso. Concentrou sua atuação em revelar o conflito entre o litoral brasileiro, urbano, pré-industrial, semi-capitalista, europeizado, predominantemente branco e racionalista, contra o sertão visto pelos contemporâneos como mestiço, povoado por uma sub-raça miserável e sujeita às influências do fanatismo religioso, vivendo num universo místico e enfeitado por superstições atávicas, crentes em milagres e em espantosos taumaturgos, Cunha achava que a campanha contra Canudos simbolizava de certa forma a tentativa de civilizar o sertão ainda que fosse à força.

Se em um primeiro momento o fanatismo religioso, o sebastianismo e o messianismo de Conselheiro apontavam os motivos, uma segunda leitura, e mais profunda, apontava o isolamento cultural do sertanejo, o latifúndio, o regime coronelista, a precariedade de possibilidades de trabalhar a terra e a própria servidão do povo, como motivos que justificavam o conflito.

É de todos conhecida a alcunha com a qual Euclides da Cunha definiu o sertanejo:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços do litoral.

A sua aparência, entretanto, no primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasimodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos.

[...]

No revés o homem transfigura-se. [...] e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. (1979, pp.92-3)

Por meio desta definição, *Hércules-Quasimodo*, percebe-se uma antítese que grafa não só um evento regional, mas, sim, um país marcado pela divisão espacial, regional e política.

Na primeira parte do livro, *A Terra*, o autor descreve o cenário geográfico em que o sertanejo surge. Sua visão é influenciada pelo pensamento positivista, que propunha uma abordagem do comportamento humano condicionado pela raça, pelo meio e pelas circunstâncias. Em *O Homem*, a segunda parte, Euclides diz que a intensa miscigenação é a principal responsável pelo atraso e pelo fanatismo do sertanejo, na

medida em que termina por produzir uma sub-raça. Mas ainda elogia a bravura dessa gente que sobrevive numa região tão inóspita, flagelada pela fome e pela seca. Na terceira parte, *A Luta*, dedicada ao combate entre as forças regulares do exército e as hordas dos jagunços, é que surge a épica.

Os Sertões é uma obra literária, podendo ser lido como uma grande crônica, um diário de guerra, um tratado histórico, um ensaio antropológico-sociológico, uma peça literária e até como um discurso forense, além de, claro, um texto jornalístico. O autor tentou olhar o sertão e seus habitantes com a minúcia de um cientista e ainda assim conseguiu exprimir sua emoção. Não se dirigiu ao povo, mas às elites, como uma espécie de denúncia. Do absurdo da guerra em si até se indignar com os barbarismos cometidos pelas tropas contra aqueles pobres diabos.

O objetivo de Euclides da Cunha passou a ser apelar às elites brasileiras para que tivessem compreensão melhor dos sertanejos. Ao descrever seu espaço e seus costumes, ao relatar suas dificuldades e seu infeliz destino biológico. O autor esperava atenuar o preconceito contra os bárbaros interioranos, isolados do mundo há trezentos anos. Conforme o livro vai terminando, cresce nele a sensação de uma guerra fratricida e que de certa forma o litoral apunhalava a própria essência do país ao destruir com o arraial e seus moradores.

4. Maurren Bisilliat

Maurren Bisilliat, inglesa de Englefield, mudou-se para o Brasil no ano de 1952, porém, poucos anos depois, residiu em Nova Iorque a fim de estudar as artes plásticas. De pintura emigrou definitivamente, no ano de 1962, para a fotografia, escrita que a vinculou a grandes publicações da Editora Abril entre os anos de 1964 e 1972.

Fotógrafa de larga experiência e grande importância no cenário brasileiro, Bisilliat expôs ao lado de Pierre Verger, Vânia Toledo, Nair Benedicto e Walter Firmino. Seu trabalho, além da esfera jornalística, já traçou outras relações com a literatura, como é o caso da exposição *Bahia Amada/Amado* na qual dialogou com doze obras de Jorge Amado e sua participação no livro *Xingu, Território Tribal*, de 1979, de autoria de Orlando Villas Boas.

4.1 Sertões: Luz e Trevas

Oitenta anos após a primeira publicação da obra iniciada entre artigos redigidos para o jornal *O Estado de São Paulo*, Maurren Bisilliat publicou *Sertões: luz & trevas*, livro que intercala o discurso fotojornalístico com o discurso literário.

Em *Sertões: luz & trevas*, a própria Maurren Bisilliat recorta os fragmentos da primeira e segunda partes da obra de Euclides da Cunha, autor que buscou o sertão, assombrado pela seca assim como José de Alencar, Taunay, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Domingos Olímpio, Graciliano Ramos e João Guimarães Rosa buscaram.

Segundo a autora:

Fiz uso d’Os Sertões, primeiro e segundo livros: A Terra e O Homem. Os trechos escolhidos – poema épico – estabelecem as estruturas de mundo ambivalente, real e mítico, onde homem e natureza se confundem num ímpeto gerador. (1982, p.13)

Para o recorte textual, a edição utilizada foi a 29ª edição comemorativa do 70º aniversário de morte do autor, publicada em 1979, pela Livraria Francisco Alves Editora.

3. Resultados e Discussão

Para a grafia imagética, várias técnicas foram utilizadas: a luz, a sombra, o primeiro plano, o desfoque, a grafia do movimento, o retrato, a cor, o preto e branco, a gradação de cinza, a reprodução, além dos jogos de luz, sombra, enquadramento e outras técnicas inerentes ao trabalho do fotógrafo.

Estas imagens foram tiradas nos ermos, aldeias e lugares santos do nordeste brasileiro – Joazeiro do Norte, Canindé, Bom Jesus da lapa – de 1967 a 1972, e seqüenciadas sob forma de livro no ano de 1982. Vistas isoladamente, emudecem; dispostas em cadência de luz e sombra. Retomam a vida, desvendando pelo olhar o coração. (1982, p.13)

Os fragmentos de texto são alternados em blocos com as fotografias, sendo que a última fotografia de cada bloco introduz o tema seguinte.

Os primeiros blocos se referem à paisagem e ao clima, ou seja, à caracterização do sertão. Euclides da Cunha, em texto selecionado pela fotógrafa, contrapõe a paisagem que vai alterando-se conforme se aproxima da região de Canudos: “observa notáveis mudanças de relevos; a princípio o traço contínuo e dominante das montanhas, [...] depois, [...] um aparelho litoral revoltoso”. (1982, p. 18)

Nesta etapa, as fotografias retratam os sertanejos, basicamente por meio de seus rostos, utilizando a técnica da antítese que grava o contraste claro e escuro, que representa os opostos positivo (claro) e negativo (escuro), mas estas imagens não

guardam nenhuma relação nem direta nem indireta com o texto euclidiano, portanto nem o complementam. Nesta sequência de oito fotos, com exceção da última, predomina o preto total e um tom forte de azul, de onde fragmentos dos rostos surgem, a exceder a última imagem, a qual em preto e branco, com aparência gasta, apresenta homens com adornos.

A seguir, em novo bloco de imagens, continua-se a retratar rostos, porém os ruídos dessa vez apresentam-se em forma de digitais e impressões do tempo. A última sequência de imagens com esta temática retrata sorrisos em tons claros de azul que se mesclam ao branco, com a imagem da página 50 fechada em potes de remédio, composta de tons quentes que predominam no bloco seguinte. Não há, mais uma vez, o diálogo entre o recorte literário e o imagético-fotográfico.

O segundo conjunto textual concentra-se no homem e na sua relação com a terra, na dificuldade de sobreviver nessa área. “O sertanejo, assoberbado de reveses, dobra-se afinal.” (1982, p. 52) As fotografias de Bisilliat continuam a retratar o povo do sertão, principalmente seus rostos, tendo os seus corpos desfocados, porém deixando as imagens com tons mais quentes de vermelhos e alaranjados, que quando não mantêm uma relação com o preto total apresentam-se opostos a tons azuis mais frios.

A luz que incide na foto ilumina apenas parte do rosto, mantendo, mesmo o mais iluminado (página 60) com um dos lados da face mergulhada nas sombras. Predomina neste fragmento, em meio a base preta da imagem, ora o tom de luz amarela ora o tom de luz alaranjada.

As imagens que seguem introduzem outros tons, como se exemplifica pela senhora sentada ao lado da janela com um gato em seu colo. A luz que entra lateralmente, passa pela cortina azul e banha mais o corpo e o rosto da personagem, quando comparada aos demais que já compuseram o livro.

Nas duas páginas posteriores, encontram-se duas fotos que retratam a paisagem, uma vela de jangada e uma casa no meio de uma duna, fato que causa o estranhamento e a ruptura da linguagem, pois nada, até então e nem posteriormente encaminha o leitor a estas temáticas descontextualizadas.

Ainda dentro dessa temática do homem, há dois fragmentos de texto, o primeiro apresentando o vaqueiro: “O vaqueiro criou-se em uma interminência, raro perturbada de horas felizes e horas cruéis, de abundância e misérias” (1982, p. 67) e a seguir apresentando as mulheres: “Ali estavam, gafadas de pecados velhos, serodiamente

penitenciados, as beatas – êmulas das bruxas das igrejas – revestidas de capona preta” (1982, p. 77).

As fotos que os seguem, todas deixando clara a oposição entre luz e trevas, uma vez que a iluminação sobre os vaqueiros é sempre lateral, apenas retratam o que foi dito no texto, sem acrescentá-lo. A última foto da sequência anterior, como costureiro, já introduz o tema retratando um vaqueiro arrumando-se.

Sete imagens retratam de vaqueiros de corpo inteiro, com exceção da foto da página 75 que traz o mesmo homem da página 74, mas agora recortado apenas em seu rosto com suas roupas típicas, de um tom de marrom próximo ao da terra seca, em contraste com uma parede azul clara. A mesma iluminação presente antes se mantém aqui, sendo que dessa vez a parte iluminada desses homens está exatamente oposta à parte iluminada da parede, mantendo um contraste. Mais uma vez, a última foto adianta o tema seguinte.

Uma imagem escura, com apenas parte da silhueta reconhecível. A fotografia da sertaneja abre outras que mostram mulheres, religiosas, sempre de preto, cor que se miscigena com a sombra nas paredes. Assim, apenas os rostos – quando não há o desfoque total – saltam, e deles, os olhares.

Dentro desta sequência das mulheres há fotografias mais claras, quase totalmente brancas. Nesta sequência encontram-se quatro fotos retratando pessoas com um copo na boca que não se enquadra com excerto algum do texto.

O terceiro bloco apresenta as emoções e a religião do povo da região: “Desbordavam as emoções isoladas, confundindo-se repentinamente, avolumando-se, [...] apertando ao peito as imagens babujadas de saliva,” (1982, p. 97). As fotografias mantêm o esquema de contraste entre luz e sombra, porém a maioria encontra-se desfocada e, por este fato, não se consegue depreender o tema que retratam.

Em algumas fotografias há grupos reunidos, mas apenas nas páginas 107 e 109 – nas quais há um homem e uma mulher, respectivamente, que mantêm o olhar penetrante, e na página 110, onde um grupo carrega uma cruz – é que se encontra o tema dos fragmentos. Em sequência são observados retratos com a vegetação de fundo, predominando o verde, mas estas imagens mais uma vez não dialogam com o texto que as precede.

O recorte posterior traz a descrição da vegetação e a rotina de tudo o que consegue sobreviver na aridez. “Sobre o depauperamento geral da vida, em roda, eles agitam as ramagens virentes, alheios às estações” (1982, p. 117).

Após o texto retirado de *Os Sertões*, adentram imagens dos sertanejos, sorrindo e em atividades comuns. Em uma fotografia, em particular, há uma mulher mexendo em roupas. Os tons das imagens são alegres, as pessoas utilizam roupas claras ou floridas e mesmo os cenários não apresentam muitas sombras. São mulheres, retratadas no máximo do tórax para cima ou fechadas no detalhe de suas expressões. Mais uma vez há diversas imagens desfocadas que não permitem identificar claramente o que retratam, inclusive a última que aparenta retratar um casamento e se relacionando ao tema seguinte.

O penúltimo bloco de texto traz a força e a luta do sertão e as suas cerimônias. “O heroísmo nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas. [...]. O seu primeiro amparo é a fé religiosa” (1982, p. 136). O último bloco de fotos retoma os tons das primeiras imagens mesclando tons de azul com a escuridão completa.

Observam-se pessoas reunidas em uma praça com luzes e comidas, porém estas continuam desfocadas e alguns personagens aparecem apenas em rastros. Em seguida há um homem, cujo rosto não é identificável, postado solitário e arrumado com uma espingarda em mãos, com um grupo correndo em meio a uma névoa azul. As duas últimas imagens são escuras, com uma vela iluminando o rosto de quem a segura. É a única fonte de luz e o único meio de identificar que retrata duas mulheres, uma com o rosto coberto, a outra olhando em direção ao leitor, fato que mais uma vez manifesta a temática luz e trevas.

O último bloco de texto narra a chegada de Antônio Conselheiro e a impressão que sua figura causou quando chegou à região de Canudos. Não há foto que se relacione com esses fragmentos.

5. Conclusão

Após análise do texto de *Os Sertões* de Euclides da Cunha e contextualização da obra e do autor, observou-se a relação existente entre os recortes deste mesmo texto com as fotografias que compõem o livro de Maureen Bisilliat. A proposta do presente trabalho se tratava de analisar a relação dialógica entre as diferentes obras e diferentes discursos.

O que pode ser observado foi a relação local, ambos tratam do sertão nordestino, apesar de Bisilliat não fotografar nos locais do incidente de Canudos. De uma forma geral não se encontra diálogo entre texto e imagem, sendo o texto imagético uma retratação do texto literário, sem o complementá-lo, ou mesmo sem apresentar relações diretas.

A proposta da fotógrafa é atingida mantendo uma relação de antítese entre luz e trevas, claro e escuro, dentro de fotografias ou mesmo entre elas. A mudança de ponto de vista, ou a antítese do texto euclidiano, não pode ser encontrada nas imagens principalmente por se evidenciarem na terceira parte do texto literário, *A Luta*, e o recorte feito pela autora manter-se nas duas primeiras, *O Homem* e *A Terra*.

Assim sendo, apesar de atingir o objetivo inicial, a obra atual não complementa o texto pré-modernista, repetindo o que é dito nos recortes e focando-se na análise do local e dos habitantes do sertão nordestino.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de Os Sertões*. 3. ed. São Paulo: Edart, 1966. (Coleção Visão do Brasil)

BISILLIAT, Maureen. Sertões, luz & trevas: sequência fotográfica de Maureen Bisilliat sobre textos de Euclides da Cunha. São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1982.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Circulo do Livro, 1975.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GOMES FILHO, João. *Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma*. São Paulo: Escrituras, 2003

GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação*. São Paulo: Annablume, 2004.

MACEDO, Nertan. *Antonio conselheiro, a morte em vida do beato de canudos*. Rio de Janeiro: Record, 1969.

NOGUEIRA, Ataliba. *Antonio conselheiro e canudos, revisão histórica*. São Paulo: Nacional, 1974

OLIVEIRA, Clenir Belezzi de. *Arte literária: Brasil-Portugal*. São Paulo: Moderna, 1999.

PROFETA, Oswaldo. *Canudos : libelo de um massacre*. São Paulo: Presbiteriana, 1990.

RABELLO, Sylvio. *Euclides da cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Referências eletrônicas

OLAVO, Antônio. *A História de canudos*. Disponível em: <http://canudos.portfolium.com.br/>. Acesso em: 18 mar. 07

SCHILLING, Voltaire. *A Guerra dos Canudos e "Sertões"*. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/canudos.htm>. Acesso em: 18 mar. 07